

## A questão da distância e da perspectiva na relação de trabalho na Psicanálise

Antônio de Pádua Bosi<sup>1</sup>

**Resumo:** Este texto aborda o problema da *distância* e *perspectiva* na Psicanálise de um ponto de vista referenciado na experiência mais ampla que marcou a constituição das áreas da Sociologia, da História, da Antropologia, genericamente das humanidades durante a segunda metade do século XIX e o começo do século XX. Minha hipótese é que a *distância* e a *perspectiva* no ato psicanalítico não foram (ou não funcionaram como) variáveis independentes conforme pretendeu Freud. O manejo axiologicamente neutro (ou assim pretendido por ele) dos pacientes na clínica psicanalítica resultava sempre irrealizado uma vez que seu trabalho consistia em interrogar e interpretar o material de pesquisa muitas vezes orientando a pessoa no divã a interrogar-se a si mesma. Ao mesmo tempo, busco identificar e discutir como a judeidade em Freud o fez um investigador curioso, problematizador e irrequieto com sua identidade à medida que remexia a constituição da enigmática escultura de Moisés feita por Michelangelo. Sobre esse ponto, analiso a semelhança desse Moisés (tolerante e / ou enfurecido) com Freud.

**Palavras-chave:** Relação de trabalho na Psicanálise; neutralidade na psicanálise.

### The issue of distance and perspective in the working relationship in psychoanalysis

**Abstract:** This paper deals with the problem of perspective and distance in Psychoanalysis from a standpoint grounded on the broad experience of formation of Sociology, History, and Anthropology fields (the Humanities in general) during the second half of Nineteenth and early Twentieth centuries. The hypothesis is that the distance and perspective of the psychoanalytical act were not (or did not work as) independent variables, as intended by Freud. The axiologically neutral handling of patients (intended by him) in the psychoanalytical practice always resulted unfulfilled since its work consisted of interrogating and interpreting the research material by guiding the person on the couch to interrogate him/herself. Simultaneously, I seek to identify and analyze how Freud's jewishness made him a curious investigator and problematizer, and restless toward his identity as he raked the enigmatic sculpture

---

<sup>1</sup> Doutor em História pela UFF. Docente do Curso de Graduação em História e do PPGH da UNIOESTE. Bolsista de Produtividade em Pesquisa 2. E-mail: [Antonio.Bosi@unioeste.br](mailto:Antonio.Bosi@unioeste.br)

of Moses made by Michaelangelo. Regarding this matter, I analyze the similarity between such a Moses (tolerant and/or furious) and Freud.

**Keywords:** Labor relationships in Psychoanalysis; neutrality in psychoanalysis.

## Introdução

Este texto aborda o problema da distância e perspectiva na Psicanálise de um ponto de vista referenciado na experiência mais ampla que marcou a constituição das áreas da Sociologia, da História, da Antropologia, genericamente das humanidades durante a segunda metade do século XIX e o começo do século XX. É desse período uma grande parte dos intelectuais que se tornaram clássicos na fundamentação teórica e metodológica de tais áreas aos quais pertencem um número de famosos manuais que foram redigidos para estabelecer normas de conduta, de investigação e de escrita para os ofícios que se constituíam. Tratava-se de assegurar objetividade ao conhecimento produzido. A distância, principalmente política, do pesquisador de seu objeto de estudo concentrou atenção nos debates feitos. No caso da História bastaria lembrar os sem número de manuais cuja finalidade era arbitrar o propósito de histórias validadas pelo método.

Sobre essa questão, a de (não) ser possível produzir conhecimento “positivo”, a psicanálise teve suas próprias querelas, a começar por sua autodenominação de ciência. Freud propôs a existência de um aparelho psíquico constituído desde as experiências vividas na infância, em especial as que se ligavam a tipos de neurose, psicose ou perversão (as três estruturas clínicas da psicanálise). O inconsciente e a etiologia de todas as psiconeuroses se formariam no período mais tenro da infância, em seus primeiros 36 meses de idade. Ainda bem cedo, em 1898, Freud esboçou numa carta um dos aspectos mais polêmicos de sua teoria: “o que é *visto* no período pré-histórico [três primeiros anos da criança] produz sonhos; o que é *ouvido* nesse mesmo período produz fantasias; o que é *experimentado sexualmente*, ainda no mesmo período, produz psiconeuroses.”<sup>2</sup>

---

<sup>2</sup> FREUD, S. Carta 84. In *Volume XXIII*. Rio de Janeiro: Imago, 1996, p.332.

O inconsciente, chave central de análise na intervenção psicanalítica, teve seus limites (inclusive temporais) expandidos à medida que o exercício da clínica permitiu a Freud enxergar o recalque sendo impresso em diferentes estágios da vida. Em 1915, ele mexeria em definitivo nesse conceito e em sua teoria sobre a constituição psíquica do homem propondo articulações complexas entre o inconsciente, o consciente e as psicopatologias tratáveis afirmando que “Tudo que é reprimido [recalcado] deve permanecer inconsciente; mas, logo de início, declararemos que o reprimido [recalcado] não abrange tudo que é inconsciente. O alcance do inconsciente é mais amplo: o reprimido [recalcado] não é apenas uma parte do inconsciente.”<sup>3</sup> Em suma, Freud e seus diversos colaboradores forjaram ferramentas para manejar seu material de trabalho sob a carga e pressão de outros competidores, como a psiquiatria (também debutante), em busca de legitimidade para existir e, em passos mais ousados, na tentativa de hegemonizar-se no campo da cura.

Assim como no campo da produção do conhecimento histórico as disputas travadas pela Psicanálise (e mais tarde em seu interior) requeriam argumento e regras de teoria e método compatíveis com a prática de uma escuta, embora sensível, bastante reservada, sem compor-se de julgamentos morais, políticos, religiosos, ideológicos, privada de críticas. Freud sinalizou isso com várias indicações técnicas em diferentes momentos de sua obra. Minha hipótese é que a questão da *distância* e *perspectiva* no ato psicanalítico não foram (ou não funcionaram como) variáveis independentes conforme pretendeu Freud. O manejo axiologicamente neutro (ou assim pretendido) dos pacientes na clínica psicanalítica restava sempre irrealizado, igualmente à ilusão positivista de que o tempo passado poderia ser resgatado como *realmente aconteceu*.

Posto isso, o objetivo desse texto é discutir que a *distância* e a *perspectiva* no trabalho psicanalítico não foram variáveis independentes conforme pretendeu Freud devido ao fato de que o manejo dos pacientes geralmente consistia em interrogar e interpretar o material de pesquisa geralmente *comandando* a pessoa no divã a interrogar-se a si mesma. Para desenvolver essa hipótese busco

---

<sup>3</sup> FREUD, S. O Inconsciente. In *Volume XIV*. Rio de Janeiro: Imago, 1996, p.171.

identificar e discutir como a judeidade em Freud o fez um investigador curioso, problematizador e irrequieto com sua identidade à medida que remexia a constituição da enigmática escultura de Moisés feita por Michelangelo. Sobre esse ponto, analiso a semelhança de Freud com esse Moisés (tolerante e / ou enfurecido), atento ao que disse Peter Gay ser o Moisés de Michelangelo “uma grande fonte de aflições” para Freud.<sup>4</sup> Vejamos isso mais de perto.

### **A intervenção psicanalítica é uma *intervenção***

Em “recordar, repetir, elaborar”, título de texto de Freud escrito para fundamentar a clínica psicanalítica, são ações que realizadas em processo de vida (na forma de ápicos espasmódicos) sentida pelo paciente e conduzida pelo psicanalista. Conduzir também é verbo e, como tal, implica ação. Se o recurso do paciente na clínica ou no hospital é a fala, ao psicanalista requer a interpretação, e sabemos que interpretar um material de pesquisa (que se observa) exige método e talvez um roteiro de entrevista manejado mentalmente.<sup>5</sup> Trata-se de seguir os rastros deixados (mas encobertos) pelo paciente em meio a um cipal que interdita os caminhos até as chaves de análise mais promissoras do inconsciente, ou o que os historiadores chamam de “as necessidades secretas do coração”.<sup>6</sup>

Peter Gay abrevia a história das recomendações técnicas de Freud aos terapeutas constituída ao longo de quarenta anos como sendo “o cultivo da passividade alerta”.<sup>7</sup> Ser passivo e estar alerta ao mesmo tempo. Como vigiar todos as rotas se ainda não se sabe quais levarão às zonas sensíveis onde se encontram depósitos de importantes recalques e quais deixarão o psicanalista desgovernado, com o GPS avariado, com olhar fixado na espuma do mar? Imagino que nessa travessia o psicanalista divide lugar com o músico à medida que, além da habilidade, é da experiência que deve esperar o conhecimento adequado e útil para executar o trabalho delicado e complexo.

---

<sup>4</sup> GAY, Peter. *Lendo Freud*. Investigações e Entretenimentos. Rio de Janeiro: Imago, 1992, p.81.

<sup>5</sup> FREUD, S. Lembrar, Repetir e Perlaborar. In *Fundamentos da Clínica Psicanalítica*. Belo Horizonte: Autêntica, 2021, pp.151-164.

<sup>6</sup> BLOCH, Marc. *Apologia da História*. Ou o ofício do historiador. Rio de Janeiro: Zahar, 2001, p.131.

<sup>7</sup> GAY, Peter. *Freud*. Uma vida para o nosso tempo. São Paulo: Cia das Letras, 2012, p.301.

Sennett argumenta que a repetição no trabalho artesanal (e talvez no intelectual) nem sempre embrutece a alma e entedia o corpo. Mozart nasceu com excepcional talento para música, mas precisou se entregar a sistemático treinamento para alcançar o caráter de músico genial. Dos cinco aos sete anos ele já dominava uma quantidade impressionante de notas ao ponto de improvisar no piano. Desde então, Mozart trabalhou sistematicamente para aperfeiçoar a si mesmo. Ainda criança a sucessão de acordes da sexta napolitana o cativou de modo apaixonado. Trabalhou para sofisticar os movimentos e combinações anos a fio e se tornou perito em lidar com inversões de outras posições preservando a nota principal fora do tom baixo.<sup>8</sup>

Freud não esteve alheio a essa percepção de Sennett, o que significa enxergar em seu trabalho um esforço empírico e experimental. Repetir procedimentos, testá-los em pessoas com distintos sintomas, pensar sua rotina de tal modo que conseguisse reunir material e evidências suficientes na estruturação conceitual e clínica do que chamou aparelho psíquico. Freud se fez como um artesão, sem desprezar o conhecimento anteriormente vinculado à neurologia, mas manejando ferramentas talhadas às suas próprias medidas, todas elas invisíveis como o artista que pinta uma tela e não se retrata nela, estando ausente embora saibamos que ele está lá. Historicamente, o artesão (artífice) lida com sua matéria prima buscando formas e traçados até encontrar um ponto que coloque final àquele trabalho. Pode esse desenho exibir o percurso dos psicanalistas?

Freud não o fez diferente. O aperfeiçoamento sempre vinha com a dedicação em cada análise, com o conhecimento adequadamente aplicado, com resiliente insistência nos tratamentos corretos (mesmo que eles resultassem noutros becos sem saída cheios de sofrimento estocado para cem dias de análise por semana). Nas duas primeiras décadas de trabalho, Freud percebeu que seus pacientes tendiam a repetir (às vezes compulsivamente) inibições, atitudes inúteis, sintomas, sem se darem conta que tais lembranças funcionavam como linhas de defesa que protegiam sua doença. Penetrar esse ferrolho custava fustigar a repetição até que alguma margem de manobra para elaborar o que jaz sob os sintomas fosse

---

<sup>8</sup> SENNETT, Richard. *O Artífice*. Rio de Janeiro: Record, 2009, pp.48-50.

encontrada pelo paciente. Pode-se dizer que Freud trabalhava para formar bons artesãos capazes de transformar suas repetições numa perspectiva mais inteligente para a vida. Curioso que isso esteja (ou possa estar) num de seus textos técnicos, de 1913.<sup>9</sup>

Ainda sobre isso, cabe considerar que o ato de o paciente repetir eventos julgados importantes por e para ele utilizando discurso ou narrativa pode (e geralmente é) abrir picadas em meio à floresta emaranhada de zonas sombreadas e de poucas brechas vazadas pela luz do sol. O paciente encontra algumas coisas na escuridão, as reconhece, e as arrasta até as poucas e pequenas clareiras para observá-las. Se a memória não for emboscada no momento que o paciente se torna sujeito ao tomar suas lembranças para si, encorajado pela terapia e relativamente pronto para encarar as partes de si há tempo recalçadas, presume-se que algo mudou. É um tipo de mudança similar à citada por Neruda quando ele se perguntou sobre o amor.

Por que caminhos e como te dirigiste a minha alma? Por que precipitaste teu fogo doloroso, de repente, entre as folhas frias do meu caminho? Quem te ensinou os passos que até mim te levaram? que flor, que pedra, que fumaça mostraram minha morada? O certo é que tremeu noite pavorosa, a aurora encheu todas as taças com teu vinho e o sol estabeleceu sua presença celeste, enquanto o cruel amor sem trégua me cercava, *até que lacerando-me com espadas e espinhos abriu no coração um caminho queimante.*<sup>10</sup>

Neruda tem autoridade para falar do amor e para pensá-lo como objeto particular (embora sua característica seja universal) porque o avalia como parte da experiência humana que ele singularmente narra. É como se Neruda (e seus pares geniais) pudesse colocar o amor no divã e fazer-lhe perguntas encenadas em relações verossímeis. Assim ele fala dos temperamentos humanos e sociais encarnados em situações possíveis pois é disso que o poeta se vale em seu trabalho de criação: de situações possíveis. Aristóteles sublinhou esse talento em

---

<sup>9</sup> FREUD, Sigmund. Lembrar, Repetir e Perlaborar. In *Fundamentos da Clínica Psicanalítica*. Belo Horizonte: Autêntica, 2021, pp.151-164.

<sup>10</sup> NERUDA, Pablo. *Cem sonetos de Amor*. Porto Alegre: L&PM, 2006.

“Da Poética”, argumentando que o historiador escreve o que aconteceu e o poeta o que poderia ter acontecido.<sup>11</sup> Haveria algo mais sublime do que *poder* escrever sobre o amor, em estilo de comédia ou de tragédia? Neruda pensou (e instigou outros a pensarem) a vida como possibilidade e, portanto, aberta e disponível à crítica. Esse me parece ser um ótimo ponto de ebulição para a atuação e o talento psicanalíticos.

Numa curvatura diferente, localizada na academia e baseada em método de investigação estranho ao poeta, Michel Foucault disse a respeito de Dom Quixote que o “texto de Cervantes [publicado no início do século XVII] se dobra sobre si mesmo, se enterra na sua própria espessura e torna-se objeto de sua própria narrativa.”<sup>12</sup> É por isso, inclusive, que inaugurou a era moderna da literatura Ocidental. Não seria esta a operação destinada ao paciente? Tornar-se objeto de si mesmo?

Hoje, uma visão distraída vê Dom Quixote como herói romântico, encantado com sua própria capacidade de fantasiar. Faz dele um valor estético: só os loucos amam verdadeiramente. Isso já é material de reflexão suficiente para colocar em análise aqueles que veem no amor um ato de inocência. Alonso Quijano, tornado Dom Quixote de La Mancha, incorporou o delírio em sua vida e criou um mundo aparentemente alternativo. No campo da crítica literária menos adocicada há quem arrisque chamá-lo de esquizofrênico. Mas existe exagero nessa ideia. Em tese ele precisou rejeitar a realidade para sobreviver, para manter vivos seus melhores afetos. Dom Quixote, antes Alonso Quijano, foi um leitor obsessivo da literatura de sua época, início do século XVII. Solteiro, perto dos 50 anos de idade, aparentemente sem experiência sexual de qualquer modalidade, estava ligado à companhia de uma caseira com 40 anos de idade, uma sobrinha de 18, um trabalhador rural e o amigo que seria convertido no cavaleiro Sancho Pança. Perto dali morava uma camponesa que Alonso transformaria em objeto de seu desejo, alvo de sua fantasia, renomeada de Dulcineia.<sup>13</sup>

---

<sup>11</sup> ARISTÓTELES. *Aristóteles*. Volume II. São Paulo: Nova Cultural, 1991, p.256.

<sup>12</sup> FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas*. Uma arqueologia das ciências humanas. São Paulo: Martins Fontes, 2000, p.66.

<sup>13</sup> CERVANTES, Miguel. *Don Quijote de la Mancha*. Barcelona: Editorial Sol, 2000.

Miguel de Cervantes conduziu Dom Quixote a uma aventura fora de seu universo geográfico e cultural, fora dos limites e das expectativas consideradas normais onde morou durante meio século. Sua luta encenava livros que leu, personagens que o seduziram, fantasias e sonhos que o recrutaram. Ao que parece, Cervantes sugere que o descolamento de Dom Quixote da realidade começara antes de sair em desafio às injustiças, interpretando o papel de um herói trágico. Mas enquadrá-lo como esquizofrênico é de todas as possibilidades a mais perversa e desumana. O traço da passividade inscrito em arroubos de luta inofensivos, de sua mansidão tão real, não é o elemento principal que fragiliza a esquizofrenia como seu componente mental. De fato, seu comportamento não oferecia perigo, nem para ele próprio, mas, chegado aos 50 anos, conhecedor de diversos mundos e situações proporcionados pela literatura que lhe caiu às mãos, Alonso escolheu ser Quixote, cujas armas tinham força estética para demonstrar a conexão ainda vigorosa e mantida viva com um mundo em decomposição social e política. Na realidade histórica, o universo dos cavaleiros perdia espaço para os exércitos treinados, de contingente numeroso e permanente, como o maior deles produzido pelo Estado Absolutista francês. Igualmente desproporcional para a falência do mundo feudal, a poderosa Armada espanhola de Felipe II, contemporânea de Cervantes, que foi humilhantemente derrotada pela frota de inglesa em 1588, quando, ficticiamente, Alonso contava com 35 anos.

Dom Quixote sonhava. Se negava a submeter-se ao que hoje chamamos de teste de realidade. Contradiu a realidade que morava fora de seus livros, e tratou com paixão os sentimentos idealizados, como o de ver numa camponesa o vigor de uma mulher que requeria de sua parte respeito, luta, honra e gentileza. Agora, pode-se arriscar noutra direção. Alonso subtraiu-se de todos os seus recalques e os enfrentou com perícia sustentada e abastecida por combustível que lhe queimava as entranhas, seus conceitos, suas relações, seu lugar social, sua vida “meia-boca”. Destruiu-se para viver. Não seria essa uma análise terminada?

O paciente precisa *criar* coragem para dirigir sua atenção aos fenômenos que decorrem de seu mal-estar. Quem afirma isso é Freud, em “Recordar, Repetir,



Elaborar”.<sup>14</sup> É um arranjo tão complexo quanto familiar. O ponto de partida é o tempo presente. Os problemas estão ali, afiados e penetrantes, retidos à custa de anestésicos, químicos ou imaginários, verdadeiras barreiras de contenção humana que, no entanto, podem ceder ao mais brando sopro e estilhaçar o espelho de Próspero, o duque que Shakespeare colocou no palco como especialista na ilusão e manipulação na peça “A Tempestade”, contemporânea de Dom Quixote.<sup>15</sup>

Mas é preciso que os diques sejam rompidos, e o psicanalista atua para que o paciente os espatife. O psicanalista existe em função disso. Cabe a ele destruir as defesas do paciente, cada uma das linhas e das trincheiras que firmam e fortalecem a posição antiga contra a qual o psicanalista deve municar e facilitar o fogo cerrado. Trata-se de um trabalho de reflexão cuja dor se vive no tempo presente, cuja fonte se encontra no passado. Como costumamos falar entre historiadores, a vida interroga a morte. Freud aconselha o psicanalista a se interessar pelos fragmentos de recordações do paciente. Bem manuseados eles poderão formar memórias de eventos pregressos e importantes que, espera-se, funcionarão como uma chave inglesa preparada para afrouxar ou apertar parafusos de diferentes tamanhos e formatos.

Freud sugere que o ritmo de trabalho será decidido pela relação de forças montada com o paciente levando-se em conta o fato de que a característica que define a narrativa psíquica é temporal. Parece que carregamos conosco o fio de Ariadne num labirinto. Tão difícil quanto o caminho em direção ao inconsciente é o fazer o caminho de volta, atando as pontas soltas ao exercício permanente de viver que pode despertar os problemas que o paciente antes não atinava a existência. Um aspecto ético se apresenta aqui (também noutros lugares). Como garantir que o paciente percorra esse trecho sem interferir e contaminar sua percepção e a valoração do que lhe acontece?

Desdobra-se aqui a discreta ética do psicanalista. Temos dela alguns traços mais visíveis em Freud. A ideia de neutralidade vem de legado mais amplo que abriga as ciências humanas e sociais no século XIX aspirando a intervenções

---

<sup>14</sup> FREUD, Sigmund. Recordar, Repetir, Elaborar. In *Volume XII*. Rio de Janeiro: Imago, 1996, p.168.

<sup>15</sup> SHAKESPEARE, W. *A Tempestade*. Ebook.

imunizadas na realidade social e histórica. No caso de Freud incidiu em sua formação a tradição científica da medicina, particularmente a neurologia, área em que foi treinado e descobriu a histeria das mulheres tratadas por Jean-Martin Charcot que o despertou para escutar a expressão do sofrimento.<sup>16</sup> O vínculo com a medicina se mostrou presente também quando Freud atribuiu à Psicanálise o estatuto de ciência com a finalidade de projetá-la como uma prática de intervenção dotada de objetividade, constituída de corpo teórico próprio e heurística.

Neste ponto cabe breve menção à reflexão historiográfica sobre o método da psicanálise, ou, na visão de Michel de Certeau, da maneira com que Freud maneja uma compreensão de história articulada a ficção literária. Certeau, ao discutir a inclusão da psicanálise no campo da História, destaca a capacidade da “terapêutica freudiana” em identificar, interessar-se e decifrar, “nas palavras do doente uma organização que ‘denuncia’ uma gênese (...) que as remete, assim, a eventos que ocultam e que se tornam – enquanto ausentes e presentes – um passado.”<sup>17</sup> Para Certeau, à medida que a abordagem freudiana valorizava e validava o que há de ficcional no discurso da pessoa escutada, na experiência do “doente”, abria-se um importante campo de conhecimento para análise histórica.

No sentido pensado por Certeau, a ficção estaria presente como elemento recalcado, como expressão que retornaria sempre no trabalho de investigação, embora mascarada, em que estariam presentes sob o olhar do historiador “as repetições e os retornos do tempo supostamente passado, os disfarces da paixão sob a máscara de uma razão etc.”<sup>18</sup> O material consultado pelo historiador constituiu-se mais dos “romances” de Freud dedicados a desvendar a psique de Leonardo da Vinci<sup>19</sup> e Dostoiévski<sup>20</sup>, de recorrer a literatura fantástica de Ernst Hoffmann (Homem de Areia)<sup>21</sup> para problematizar a existência do “inconsciente”,

---

<sup>16</sup> JONES, Ernest. *The life and work of Sigmund Freud*. London: Pelican Books, 1967, p.271-272.

<sup>17</sup> CERTEAU, M. O que Freud fez da História. A propósito de “Uma neurose demoníaca no século XVII”. *A Escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982, p.281-300.

<sup>18</sup> CERTEAU, M. *História e Psicanálise: entre ciência e ficção*. Belo Horizonte: Autêntica, 2012, p.68.

<sup>19</sup> FREUD, S. Leonardo da Vinci e uma Lembrança de sua Infância. In *Volume XI (1910-09)*. Rio de Janeiro: Imago, 1996, p.36-82.

<sup>20</sup> FREUD, S. Dostoiévski e o parricídio. In *Volume XXI (1928-29)*. Rio de Janeiro: Imago, 1996, p.203-223.

<sup>21</sup> FREUD, S. *O infamiliar*. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

seu interesse pela estruturação da mentalidade burguesa em Shakespeare (Hamlet)<sup>22</sup> e, principalmente, seu interesse pelo Édipo, de Sófocles, seguido de uma verdadeira paixão por Moisés, que discutirei mais adiante. Para Certeau, Freud escrevia na língua do outro, buscando a possibilidade de conhecer por meio do interdito.<sup>23</sup>

De volta a Freud, o imperativo científico da objetividade herdado da medicina expressou-se na definição de sua intervenção clínica baseada nos três componentes do *aparelho psíquico* (*id* ou *isso*, *ego* ou *eu* e o *supereu*) colocado em paralelo ao *sistema nervoso*, este geralmente definido em termos anatômicos e reativos. O aparelho psíquico foi uma produção teórica que requeria certificação científica que validasse o trabalho do psicanalista realizado através da escuta do paciente. Era também uma disputa travada no campo do atendimento ao sofrimento mental.

Tal operação requisitou procedimentos que Freud detalhou em seus escritos e participações em reuniões com outros psicanalistas à medida que aprendia com os problemas trazidos por seus pacientes em sua clínica. Tornava-se mais ou menos claro para Freud que a Psicanálise se estruturava a partir do trabalho clínico e da reflexão compartilhada entre psicanalistas. Nesse trabalho a relação entre o analista e o analisando era continuamente problematizada em seus pontos de intersecção. Haveria necessidade de distanciamento entre Freud, por exemplo, e seus pacientes.

Por fim, ainda no campo da História, Peter Gay sublinhou este ponto e chamou atenção para como o historicismo alemão havia endossado esse tipo de distanciamento e feito dele uma regra metodológica. A posição mais claramente esboçada, e citada por Gay, foi a de Leopoldo Von Ranke que balizou este princípio na certeza de que o *tempo passado* seria palpável e objetivo e, portanto, legível de uma única forma: “o passado como ele realmente aconteceu.”<sup>24</sup>

---

<sup>22</sup> FREUD, S. Personagens psicopáticos no palco. In *Volume VII (1906)*. Rio de Janeiro: Imago, 1996, p.191-196.

<sup>23</sup> CERTEAU, M. A Ficção na História. A escrita de “Moisés e o Monoteísmo”. In *A Escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982, p.308-309.

<sup>24</sup> RANKE, Leopold V. *The Theory and Practice of History*. London: Routledge, 2010.

Esta noção de distância e de distanciamento serviu às humanidades para reivindicar o estatuto de ciência diante de outros campos do conhecimento que estabeleceram uma escala positiva para mensurar os avanços de áreas como a Biologia, a Medicina, a Física e a Matemática, por exemplo. Acreditou-se que as ciências progrediriam pelo acúmulo, aperfeiçoamento e inovação do conhecimento. Não haveria paradas nessa trajetória retilínea e uniforme. A ideia de que o conhecimento deveria ser positivo imergiu as humanidades numa busca incansável para registrar a neutralidade axiológica em seus status, e isso enterrou durante longo período experiências recessivas da vida humana e social.

### **A narrativa psicanalítica**

Em algum momento, Freud convenceu-se de que seu trabalho como psicanalista não exigia empatia nem solidariedade com o paciente, mas deveria levá-lo ao *insight*.<sup>25</sup> Ele percebeu que o envolvimento de natureza pessoal e afetiva entre as duas pessoas postadas em sua mítica e aconchegante sala de trabalho em Viena comprometia o foco do paciente e a eficiência da análise. E para chegar ao ponto de desejar o psicanalista como seu objeto e estabelecer vínculos amorosos não parecia tarefa difícil.

Na literatura de fácil acesso há pelo menos três casos em que o psicanalista se dobra à sedução, à transferência, e leva a análise a padrão de funcionamento. Ernest Jones, amigo e biógrafo de Freud, envolveu-se com Loe Kann. Carl Jung foi amante de sua paciente, Sabina Spielrein, que se tornou psicanalista. E Otto Gross, defensor inaugural do amor livre, cultivou diversas relações estando casado.

Havia também pontos menos evidentes que incluíam a reflexão acerca da importância e do impacto da neutralidade na profissão e quais seriam as práticas desfavoráveis ao desenvolvimento da análise. No geral, tratava-se estar em meio a tormenta que ventava e agitava o habitat da psicanálise numa série de questões e nós que envolvia técnicas da clínica. Uma delas, encontrada no hábito terapêutico sustentado por Sándor Ferenczi, amigo e colaborador de Freud, implicava retribuir

---

<sup>25</sup> MALCOLM, Janet. *Psicanálise. A profissão impossível*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2005, p.85.

um beijo na face no momento de despedida, no final da sessão. Ernest Jones relatou o desacordo entre os amigos sobre esta técnica. Numa carta, Freud problematiza o beijo no contexto da sessão conforme Ferenczi lhe contou. Não via eficiência terapêutica nisso e perguntou na carta se Ferenczi: “Agora, quando você decide dar um relato completo de sua técnica e seus resultados, você terá que escolher entre dois caminhos: se você relata isso [como técnica] ou se você oculta isso.”<sup>26</sup>

Roudinesco considera que “por amor e paixão terapêutica” Ferenczi conheceu e enfrentou o que seria chamado mais tarde “transgressão”. Aos 31 anos de idade, ele se tornou amante de uma mulher casada, oito anos mais velha que ele, Gisela Palos. O marido tolerou a situação e recusou o divórcio. Quatro anos depois, sob as advertências de Freud, Ferenczi começou a analisar a amante e uma de suas filhas, Elma. Em 1911, sete anos desde o início de seu caso, Ferenczi se apaixonou por Elma.<sup>27</sup>

Nada foi fácil e calmo nesse debate. De modo geral, a pergunta era: Mas como ouvir sem se envolver? O princípio científico da neutralidade, bastante defendido e disseminado no século XIX, também soprou fortemente a modelagem da psicanálise. A análise de Ida Bauer (popularizada como Dora), em 1895, forneceu a Freud uma situação chave a respeito da relação de trabalho, ou como esta deveria ser. Freud foi tomado como objeto amoroso de Ida. A interdição à tentativa de acesso inapropriada desencadeou uma reação negativa na paciente que se fez na forma de resistência a Freud. Mais tarde ele chamaria isso de “contratransferência”.

O importante nesse ponto é sublinhar que Freud percebeu conexões surgidas na conexão entre psicanalista e analisado. É difícil escolher uma passagem que ilustre o significado (ao menos o principal) da transferência e, por isso, considera-se para citação um aspecto essencial que constituiu a psicanálise na época: “Esta *luta entre o médico e o paciente*, entre o intelecto e a vida instintual,

---

<sup>26</sup> JONES, Ernest. *The life and work of Sigmund Freud*. London: Pelican Books, 1967, p.606.

<sup>27</sup> 12/5/1996. Disponível <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1996/5/12/mais!/14.html> Acesso 10 out. 2019.

entre a compreensão e a procura da ação, é travada, quase exclusivamente, nos fenômenos da transferência.”<sup>28</sup>

Em 1913, Freud concluiu estar pronto para estabelecer regras mais claras para a psicanálise. No início do tratamento, escreveu ele, deve-se estimular o analisado a falar livremente sobre qualquer assunto ou pauta desejada. Enquanto se fala no consultório, o paciente anuncia indiretamente pontos conectados ao seu sofrimento. De sua parte, o psicanalista fica em silêncio (não imóvel, mas calado). Sugere-se que esta etapa do tratamento dure uma ou duas semanas (levando em conta que os encontros eram quase diários). Equivale a esta sondagem o objetivo de definir se o diagnóstico produzido nesse intervalo se endereça à psicanálise, ou a outra especialidade. Contudo, é também o início do tratamento fazendo a distinção de que nesse tempo preliminar “deixa-se o paciente falar quase todo o tempo e não se explica nada mais do que absolutamente necessário para fazê-lo prosseguir no que está dizendo.”<sup>29</sup>

Se em 1895 Freud definiu a dinâmica da psicanálise como uma *luta entre o médico e o paciente*, em 1913 ele a conjugou nos termos de um jogo de forças “colocado em ação pelo tratamento” cujo sucesso podia ser mensurado na diminuição do sofrimento que a pessoa leva ao consultório psicanalítico. Afirma, portanto, que “a força motivadora primária na terapia é o sofrimento do paciente e o desejo de ser curado que deste se origina.”<sup>30</sup> Se o diagnóstico é feito em tais encontros e entrevistas pode-se cogitar que é igualmente durante esse intervalo de tempo que se formula hipóteses para tratamento.

Nesse caso, ficar calado é uma regra funcional que requer obediência estudada do psicanalista. Para o analisado, o silêncio (em qualquer dimensão) pode ser sentido como um tipo de resistência que leva ao fracasso da análise. Escolher uma autobiografia ou semiautobiografia para externalizar angústias, revisar cantos sombreados da memória, vasculhar cômodos abandonados da alma e tentar desesperadamente organizá-los, buscar entender sentimentos empilhados

---

<sup>28</sup> FREUD, S. A Dinâmica da Transferência. In *Volume XII*. Rio de Janeiro: Imago, 1996, p.119. (Grifo meu)

<sup>29</sup> FREUD, S. Sobre o início do tratamento (Novas recomendações sobre a técnica da psicanálise I). In *Volume XII*. Rio de Janeiro: Imago, 1996, p.140.

<sup>30</sup> Idem., p.157.

durante anos vividos sem reflexão, nada disso parece eficiente se apenas grafado em diários e suportes similares. Foi o que parece ter feito a escritora Sylvia Plath ao anunciar que lhe restava como ato derradeiro matar-se, intitulado com isso o livro de Janet Malcolm, “A mulher calada”.<sup>31</sup> Calada por diversas razões, por desinteresse em falar, por desconfiança, por não ter quem de fato a pudesse ouvir como profissionais treinados no ofício de Freud.

Agora, uma parada para avaliar o traçado feito até aqui. No ato psicanalítico, quem apresenta e desenvolve a narrativa (refeita e completada a cada sessão) é o paciente, mas quem controla tal narrativa, recortando, selecionando, apontando as trancas que necessitam abertura, colocando-as em relevo para o olhar do analisado, é o psicanalista. Nos ensaios técnicos de Freud (citados nesse texto) não percebi recomendações de empatia relativamente aos pacientes.

Diferentemente disso, nas primeiras sessões a orientação é de uma observação “flutuante”, o que se entende como avessa a práticas de acolhimento e solidariedade. Penso que permanecer calado quando uma pessoa lhe faz uma pergunta é grosseiro, e pouco representa uma posição neutra que sirva na construção de algum saber. Como disse anteriormente, o esforço de ouvir sem se envolver é inglório, exceto quando acontece uma entrega ao devaneio. Mas nesse caso não se ouve, se finge. *Termino* o primeiro ponto desse texto aqui deixando-o *interminado*.

A segunda questão aborda a *possibilidade* histórica de se tomar Freud por sua própria análise (intelectual e profissional) a partir de “Moisés e o Monoteísmo”<sup>32</sup> e “Moisés, de Michelangelo”.<sup>33</sup> O argumento principal considera que os estudos feitos nos textos acima foram marcados pela presença da identidade judia de Freud e seu desconcerto com o judaísmo. Ser judeu e sentir-se desconfortável com o judaísmo é um tópico bastante discutido na historiografia sobre Freud, melhor ainda se o pensarmos (com larga licença ensaística) em dois estudos

---

<sup>31</sup> MALCOLM, Janet. *A mulher calada*. Sylvia Plath, Ted Hughes e os limites da biografia. São Paulo: Cia das Letras, 2012.

<sup>32</sup> FREUD, S. Moisés e o Monoteísmo. In *Volume XXIII*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

<sup>33</sup> FREUD, S. O Moisés, de Michelangelo. In *Arte, Literatura e os Artistas*. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

descompromissados (sem intenção profissional) protagonizados por Moisés, o *primeiro judeu* (ao menos é o mais rastreado).

### **Freud e o Moisés ambivalente de Michelangelo**

Peter Gay chamou “O Moisés de Michelangelo” de “ensaio informal” publicado em 1914. De fato, tratou-se de um ensaio esteticamente exuberante e academicamente criterioso, escrito depois de uma década preenchida por repetidas visitas de Freud à Igreja de São Pedro, onde está assentada a escultura que faz parte da Tumba do Papa Júlio II. Todas as vezes que ia à Roma trazia de lá desenhos do Moisés e hipóteses acerca da estátua: “Michelangelo teria retratado Moisés como o tolerante representante do fundador de uma religião? Ou teria ele mostrado Moisés num momento de ação?”<sup>34</sup>

Quando olhamos atentamente e com curiosidade uma escultura, igualmente a uma fotografia, não é possível pensar a imagem nela representada *fora do ato* encenado. Freud considerou isso. Pode-se presumir também, a partir da leitura metodológica feita por ele, que se orientou pelas três perguntas básicas a respeito de uma obra de arte: o que está representado nela, como aconteceu o fato, e como ela é percebida.

Vamos pensar que Freud procurava algum segredo na escultura de Michelangelo, segredo que talvez já estivesse ao seu alcance devido ao roteiro que construiu para o estudo sintetizado na citação de Peter Gay. Para uma busca dessas, Freud recrutou como método a crítica biográfica, recurso que utilizou noutros estudos importantes, ainda que focados na literatura conforme eu disse antes, como “Uma lembrança de infância de Leonardo da Vinci” e “Dostoiévski e o parricídio” (além das referências fragmentadas a Édipo e Hamlet, que Ernest Jones deu sequência).

O impasse de Freud relativamente a Moisés, à identidade judia e ao judaísmo esteve fixado na escultura de Moisés. O valor estético da obra contava a ele, em movimentos corporais e gestos, a performance que Moisés tivera ao liderar o grupo de hebreus que fugiu como ele do Egito sob a proteção de um Deus sem

---

<sup>34</sup> GAY, Peter. Lendo Freud. Investigações e entretenimentos. Rio de Janeiro: Imago, 1992, p.81.



nome, único, e que reunia todos os temperamentos que o homem conhecia na expressão de seus sentimentos. O povo desse Deus, um pequeno grupo de hebreus (também semitas), tratados como escolhidos, vinculados entre si pela língua, pela etnia, pelo projeto de conseguir uma terra só deles, mas, principalmente, pela promessa de obedecer a Deus tendo em contrapartida proteção, assumiu um conjunto de leis que reprimia desejos e era a chave para uma civilização sem precedentes. O pequeno grupo de hebreus se constituiria então como um povo recalcado. Sua virtuosidade estaria, desde lá, no represamento dos desejos como sacrifício necessário para receber a atenção de Deus e para fundar uma identidade, diga-se, identidade cuja repressão ainda integra suas tradições, sua memória e sua história.

Operando assim, a teoria de Freud teria uma dimensão mais ampla do que a terapia do indivíduo, alcançando uma escala social. Como argumentou Herbert Marcuse, numa simbiose difícil de Marx e Freud, “o *retorno do reprimido* compõe a história proibida e subterrânea da civilização [e do judaísmo]. (...) A subjugação efetiva dos instintos, mediante controles repressivos, não é imposta pela natureza, mas pelo homem.”<sup>35</sup> Esta linha de raciocínio nos aproxima da narrativa do Êxodo lida na intenção de entender a formação do povo judeu. Nesse caso, o indispensável nessa narrativa está em estabelecer uma continuidade entre as relações de dominação vividas no Egito e aquelas fundadas na ideia de vassalagem, na Aliança com Deus. Verdadeiro ou não, o conteúdo do “Livro do Êxodo”, o segundo do Velho Testamento, escrito no século VI a.C., é a síntese de tradições e memórias do deslocamento de semitas das planícies do Império egípcio para Canaã ocorrido aproximadamente no século XIV a.C. (Gênesis, o primeiro livro, relata a criação, e o segundo livro a peregrinação, o que nos leva a pensar que na cultura judaico-cristã nascemos migrantes). Tais relações de dominação, naturalizadas, foram apresentadas por meio da prosa, estilo literário capaz de potencializar as diversas tradições que compuseram o êxodo e o sentido de futuro organizado na forma de história do povo escolhido.

---

<sup>35</sup> MARCUSE, Herbert. *Eros e Civilização*. Uma interpretação filosófica do pensamento de Freud. Rio de Janeiro: Zahar, 1972, pp.36-37.

Há nisso uma beleza estética que atua para animar o interesse, a curiosidade e, na esfera dos dramas e dilemas pessoais, a procura da verdade por parte do leitor e do ouvinte nos tempos de predomínio da tradição oral. Encontram-se ali a clareza e a objetividade na exposição. Ao mesmo tempo, a história escrita em prosa a formalizou como tradição que poderia ter se perdido ou eventualmente remodelado as anteriores. A descrição complementa esse estilo, principalmente quando é utilizada para registrar contratualmente os mandamentos de Deus e afastar qualquer dúvida a respeito do tratado estabelecido entre as partes e que definiu os hebreus de Moisés como vassalos. Em síntese, sob o tempo inaugurado pelo Êxodo, a ética do trabalho *aparentemente* passou a se dar por aquiescência, restando à obrigação face a Deus e aos mandamentos um sentido pactuado. Freud sabia disso porque a relação da bibliografia por ele citada indica esse conhecimento.

O Moisés de Michelangelo passa então a ser visto também como o Moisés de Freud, prestes a se levantar com as tábuas nas mãos, quebrá-las e correr com ira em direção ao seu povo para reprimi-lo e puni-lo porque haviam se entregado à adoração de uma divindade pagã e realizado uma festa tipicamente dionisíaca. Ali se condensaram ingredientes que Moisés julgava inadmissíveis. A adesão ao que viria a ser o judaísmo o colocava em permanente atrito com os demais porque por meio dele se fazia a representação dos desejos de Deus. Em linguagem atualizada, Moisés era funcionário de um novo Estado de coisas por meio do qual se estabeleceria a memória do povo judeu, uma memória que assegurava a repetição de experiências caracterizadas por recalques e ressentimentos.

A identidade judaica certamente se tornou mais complexa à medida que interagiu com outras identidades ao longo da história, particularmente no contexto de desenvolvimento dos Estados Nacionais na Europa. A França revolucionária de 1789 gerou expectativas de que todos poderiam ser franceses sob a bandeira da república e seus dísticos de liberdade, igualdade, fraternidade. Muitos judeus se entregaram a essa promessa, nela acreditaram e foram estigmatizados como judeus na segunda grande guerra, sitiados no Estado de Vichy.

O antisemitismo tem sido uma experiência de desonra e discriminação que recusa o judeu como escória. A Áustria também estendeu cidadania aos judeus como o pai de Freud. A constituição austríaca conferiu direitos a judeus em 4 de março de 1849, coisa que só foi aplicada no ano de 1867.<sup>36</sup> Mesmo assim, os judeus em Viena eram vigiados de perto como sendo um povo perigoso e doente. A eles se dificultava o acesso aos ofícios dentre outras restrições. Tal situação levou muitos deles à conversão ao catolicismo ou protestantismo. Mas nada disso os protegeria nos tempos nazistas, igualmente às conversões dos cristãos novos durante a expansão ultramarina.

Em grande medida, o século XX acentuou a estigmatização de judeus. Freud sabia disso e expunha sua opinião através da psicanálise. Jacquy Chemouni tem uma boa interpretação sobre esse ponto. Ele diz que “Sionismo e Psicanálise, resultam de uma mesma interrogação sobre a questão judaica tal como ela se apresenta na aurora da época moderna. O sionismo tenta resolver a questão propondo uma solução horizontal”. Continua ele: “criar, para a nacionalidade judaica do século XX, um quadro de vida idêntico ao das outras nações, considerando que todos os povos são iguais e que é preciso dar ao povo judeu *um Estado-Nação*.” Por sua vez, a psicanálise realizaria um procedimento vertical, propondo solucionar a questão judaica fora do âmbito étnico, ou particularista. Nesse caso, há uma possível e restauradora correção a fazer.

O segundo eixo escolhido para representar a posição de Freud face a questão judaica parece inadequado porque a recusa de um encerramento do judeu, de sua cultura e identidade (lastreadas numa origem longínqua, o Êxodo) fora pensado sem hierarquizações. Diferentemente disso, pode-se enxergar em Freud uma forte conexão declarada entre o judaísmo e a questão subjetiva e individual do sujeito que vive e experimenta o dilema do problema da identidade judaica. A chave clássica sobre a qual Freud depositou essa proposta de interpretação e de construção da identidade judaica é de fato “Moisés e o Monoteísmo”, ou mais especificamente “Moisés, um egípcio” (imagino que se pode encontrar tal questão

---

<sup>36</sup> CHEMOUNI, Jacquy. *Freud e o Sionismo*. Terra psicanalítica, terra prometida. Rio de Janeiro: Imago, 1992, p.205. (Grifo meu)

noutros escritos que ignoro). Ocorre que, mesmo fazendo a história o seu campo de reflexão, Freud buscou uma solução para a questão judaica em seu tempo presente.

Há muitos pontos que envolvem essa queixa pessoal de Freud, todavia um deles encontra espaço aqui. O ódio que é projetado sobre o outro (nesse caso se trata da relação de extermínio do judeu pelo antisemitismo) se extirpará à medida que Moisés for tomado como paradigma, Moisés, nascido hebreu, criado egípcio, tornado líder do povo escolhido por Deus. As diferenças identitárias (de substrato cultural) que têm sido convertidas em conflito aberto (ou encolhido e disfarçado a depender das condições históricas) seriam pacificadas por atos, gestos e sentimentos iguais aos que Freud encontrou no Moisés de Michelangelo.

Isso é suficiente para lidar com um tipo de narcisismo coletivo, vivido intensamente e externalizado em formato de propaganda, de publicidade. Theodor Adorno, dono de uma leitura sociológica de Freud, ainda detectava forte expressão do nazismo e antisemitismo nos Estados Unidos no pós-guerra. Em publicação feita em 1946 ele resumiu brilhantemente o método fascista por meio do qual operava a extrema direita estadunidense, citação que merece destaque:

Trata-se de propaganda *personalizada*, essencialmente não objetiva. Os agitadores despendem grande parte de seu tempo falando sobre si mesmos ou sobre suas audiências. Eles se apresentam como lobos solitários, como cidadãos norte-americanos saudáveis e sadios [os patriotas], com instintos robustos, como altruístas e infatigáveis; incessantemente divulgam intimidades reais ou fictícias sobre sua vida e de sua família.<sup>37</sup>

A conexão da reflexão de Adorno com Freud às voltas com a questão judaica se dá num raro momento de engajamento político de Freud quando reivindicou sua “judeidade” em reação contra a estigmatização da psicanálise pelo nazismo chamando-a de “ciência judaica”.<sup>38</sup> Apesar da hegemonia judia na psicanálise de Viena, Freud não a via dessa forma e se esforçou para que se tornasse cada vez mais um campo universalista, a exemplo do que passou a defender relativamente

---

<sup>37</sup> ADORNO, Theodor. *Ensaio sobre Psicologia Social e Psicanálise*. São Paulo: Editora da Unesp, 2015, p.138. (Grifo meu)

<sup>38</sup> ROUDINESCO, E.; PLON, M. *Dicionário de Psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 2021, p.418-420.

ao judaísmo. Sua conhecida aversão a religião explicitada em diversos de seus textos o fez pensar a questão judaica desvinculada da crença religiosa e mais ligada à tradição inaugurada com Moisés. Não à toa Freud escreveu “Moisés e o Moneteísmo” no mesmo ano em que outros de seus livros queimavam nas fogueiras nazistas e Berlim.<sup>39</sup>

Em “O Moisés de Michelangelo”, Freud enxergou um Moisés hesitante face às ordens de Deus e a desobediência de seus pares. Que judeu seria esse? Parcimonioso? É provável. Pode ser visto como migrante, igual aos grupos semitas que durante séculos viveram como pastores nômades.

Também por isso Moisés é bastante atual. Sua fantástica travessia do Mar Vermelho curiosamente encontra repetições desde a expansão ultramarina (em direção ao “Novo Mundo”, uma terra prometida) e, principalmente, no final do século passado e agora no primeiro quarto do século XXI, marcado por tentativas fracassadas de famílias que trafegam de países do Oriente Médio e da África para a Europa, tendo como porta de entrada a Grécia e a Itália, rompendo a intemperividade dos mares. Navios e barcos improvisados, roteiros perigosos e viagens despreparadas não raras vezes resultam em acidentes fatais e reveladores dos riscos empenhados pelos imigrantes. Famílias inteiras desaparecem nessas tentativas.

Na maioria dos casos se trata da fuga de guerras, da fome, do desemprego, do medo do aniquilamento, combinada com a esperança de uma vida melhor, de alguma proteção. Mas sabemos por meio da imprensa, da literatura e de trabalhos acadêmicos que concretizar essa esperança é quase sempre uma miragem. Moisés e seu grupo perseguiram esta miragem na condição de refugiados. Esta é uma situação que guarda presença (sutil) nos escritos mais específicos de Freud sobre esta questão e imagino que basta ter curiosidade e disposição para procurá-la.

---

<sup>39</sup> FUKS, B.B. *Freud e a Judeidade*. A vocação do exílio. Rio de Janeiro: Zahar Editora, 2000, p.86.

## Considerações finais

Na teoria psicanalítica se houvesse algo parecido com um “recalcamento originário” seria, para Charles Melman, “uma operação pela qual se escavaria no Outro um lugar que constituiria então um abrigo para o sujeito”.<sup>40</sup> É o que tenta fazer Moisés, desde que suas reações sejam lidas na escultura de Michelangelo. É também o que faz Freud quando mostra nossa ambivalência diante da autoridade e da sua internalização. Em parte, a judeidade de Freud expressa a rebeldia dos filhos contra seus pais em termos edipianos. Em parte, ela expressa a aceitação da tradição e do sentimento de continuidade. Vamos e venhamos, é uma equação difícil de ser equilibrada.

A respeito da tipicidade da questão judaica desejada por Freud, numa carta endereçada à bela Lou Andreas-Salomé, em janeiro de 1935, ele se permitiu um arroubo, e defenestrou a fé religiosa da dinâmica de formação da identidade judaica. Na carta ele adiantou os argumentos principais que estariam em seu “Moisés e o Monoteísmo”. O que menos interessa nesse diálogo é a testagem positiva dos fatos históricos que ele menciona. Os judeus (hebreus) que acompanharam Moisés seriam “pouco capazes de tolerar a religião de Aton quanto os egípcios que os precederam [séculos XV e XIV a. C.]”,<sup>41</sup> e que haveria estudo documentando que o grupo de Moisés o matara e renunciara aos seus ensinamentos. Continua ele: “Moisés nunca havia ouvido o nome Javé e os judeus nunca atravessaram o mar Vermelho, nem estiveram no [monte] Sinai.” As religiões devem “seu poder compulsivo ao *retorno do reprimido*; são memórias redespertadas de episódios muito antigos, esquecidos e altamente emocionais da história humana”.<sup>42</sup>

Na carta, preferiu dizer que ficava em silêncio sobre as afirmações (desabafos) acima. Demoraria três ou quatro anos para publicar seu trabalho, talvez motivado pelo derradeiro tempo que lhe sobrava devido ao câncer. Na despedida,

---

<sup>40</sup> MELMAN, Charles. *Imigrantes*. Incidências subjetivas das mudanças de língua e país. São Paulo: Escuta, 1992, p.24.

<sup>41</sup> FREUD, S. Carta. 6/1/1935. Viena IX, Berggasse 19. *Freud - Lou Andreas-Salomé. Correspondência Completa*. Rio de Janeiro: Imago, 1975, p.266.

<sup>42</sup> Idem, p.266.

pede perdão à amiga (certamente pelo tom que achava inadequado) e completa: “Basta-me que eu próprio possa acreditar na solução do problema. **Ele me perseguiu durante toda a minha vida**”.<sup>43</sup>

### Referências bibliográficas

ADORNO, Theodor. **Ensaio sobre Psicologia Social e Psicanálise**. São Paulo: Editora da Unesp, 2015.

ARISTÓTELES. **Aristóteles**. Volume II. São Paulo: Nova Cultural, 1991.

BLOCH, Marc. **Apologia da História**. Ou o ofício do historiador. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

CERTEAU, M. **A Ficção na História**. A escrita de “Moisés e o Monoteísmo”. In *A Escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

CERTEAU, M. **História e Psicanálise: entre ciência e ficção**. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

CERTEAU, M. **O que Freud fez da História**. A propósito de “Uma neurose demoníaca no século XVII”. *A Escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

CERVANTES, Miguel. **Don Quijote de la Mancha**. Barcelona: Editorial Sol, 2000.

CHEMOUNI, Jacquy. **Freud e o Sionismo**. Terra psicanalítica, terra prometida. Rio de Janeiro: Imago, 1992.

GAY, Peter. *Freud*. **Uma vida para o nosso tempo**. São Paulo: Cia das Letras, 2012.

GAY, Peter. Lendo Freud. **Investigações e Entretenimentos**. Rio de Janeiro: Imago, 1992.

JONES, Ernest. **The life and work of Sigmund Freud**. London: Pelican Books, 1967.

FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas**. Uma arqueologia das ciências humanas. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

---

<sup>43</sup> Idem, ibidem, p.267. (Grifo meu)

FREUD, Sigmund. **A Dinâmica da Transferência**. In *Volume XII*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, Sigmund. **Carta 84**. In *Volume XXIII*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, Sigmund. **Carta**. 6/1/1935. Viena IX, Berggasse 19. *Freud - Lou Andreas-Salomé. Correspondência Completa*. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

FREUD, Sigmund. **Dostoiévski e o parricídio**. In *Volume XXI (1928-29)*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, Sigmund. **Lembrar, Repetir e Perlaborar**. In *Fundamentos da Clínica Psicanalítica*. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

FREUD, Sigmund. **Leonardo da Vinci e uma Lembrança de sua Infância**. In *Volume XI (1910-09)*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, Sigmund. **Moisés e o Monoteísmo**. In *Volume XXIII*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, Sigmund. **O Inconsciente**. In *Volume XIV*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, Sigmund. **O infamiliar**. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

FREUD, Sigmund. **O Moisés, de Michelangelo**. In *Arte, Literatura e os Artistas*. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

FREUD, Sigmund. **Personagens psicopáticos no palco**. In *Volume VII (1906)*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, Sigmund. **Recordar, Repetir, Elaborar**. In *Volume XII*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, Sigmund. **Sobre o início do tratamento (Novas recomendações sobre a técnica da psicanálise I)**. In *Volume XII*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FUKS, B.B. **Freud e a Judeidade**. A vocação do exílio. Rio de Janeiro: Zahar Editora, 2000.

MALCOLM, Janet. **A mulher calada**. Sylvia Plath, Ted Hughes e os limites da biografia. São Paulo: Cia das Letras, 2012.

MALCOLM, Janet. *Psicanálise. A profissão impossível*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2005.

MARCUSE, Herbert. **Eros e Civilização**. Uma interpretação filosófica do pensamento de Freud. Rio de Janeiro: Zahar, 1972.



MELMAN, Charles. **Imigrantes**. Incidências subjetivas das mudanças de língua e país. São Paulo: Escuta, 1992.

NERUDA, Pablo. **Cem sonetos de Amor**. Porto Alegre: L&PM, 2006.

RANKE, Leopold V. **The Theory and Practice of History**. London: Routledge, 2010.

ROUDINESCO, E.; PLON, M. **Dicionário de Psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

SENNETT, Richard. **O Artífice**. Rio de Janeiro: Record, 2009.

SHAKESPEARE, W. **A Tempestade**. Ebook.

**Recebido em 27 de março de 2023**  
**Aprovado em 29 de maio de 2023**